

A REVELAÇÃO DO AQUÁRIO

Patrícia de Paula Aniceto¹

Ficava no porão daquela casa. No esquecimento. No bolor e no bafio. Certo dia, a mulher, ao retirar a sujidade do aquário teve uma revelação. Viu-se dentro dele. Não se tratava apenas do reflexo daquela água, nem da sua imaginação criadora. Identificara o peixe com sua alma flagelada. Tornara-se com o passar dos anos o peixe que se acomodara no aquário. Qualquer mudança lhe seria indiferente. Refugiara-se na obscuridade da vida, cujo fim não se poderia prever.

Lágrimas não enchem aquários e sua vida era vazia... Era o peixe lançado do viveiro a debater-se na ânsia de viver. Entreolhavam-se. Reconheciam-se. Ele, indiferente; ela reflexiva. Angustiada sentia-o mergulhado nas profundezas da alma, denunciando cumplicidade, naquele estático olhar.

Desesperada, por não sei quanto tempo, a mulher afastou-se do ser que lhe desvelara a alma, até o dia em que, movida pelo remorso foi alimentá-lo. Assombro. Doloroso encontro. Boiava. Olhos fitos na assassina. E quem se lembraria da sua inútil presença nesse mundo? Viu-se novamente como o peixe e ficou a debater-se ali até o corpo dela tornar-se completamente inerte no charco da existência.

¹ É doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

(DES)ESPERANÇAPatrícia de Paula Aniceto ²

enquanto projetam colonizar marte
eu penso no trajeto e nas aeronaves espaciais
na política e na necropolítica
no biopoder que controla vidas
nos corpos que importam
e naqueles que não mais importam
corpos abjetos
corpos objetos
corpos experimentais
nem todos irão na mesma classe
lançarão homens no espaço
antes de chegarem ao destino
como fizeram com meus ancestrais
nos porões dos navios e nos mares bravios
o que farão nessa viagem descomunal
rumo ao planeta vermelho
julgarão os homens pela cor da sua pele
ou pela cor do seu planeta
qual será a língua materna
qual será a religião
haverá em marte escravidão

² É doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

VALE DE MORTE

Patrícia de Paula Aniceto ³

no vale da morte
os verdes pastos são lamas
do luto ainda resta a memória
revisitamos seus vestígios
arquivo vivo e destrutivo no cenário ambiental
alguns ainda lamentam e choram
a catástrofe e seus mortos
e outros guiados pela vereda da injustiça
naturalizam com o tempo
o esquecimento e a impunidade

rompe outra barragem
mais uma tragédia impactante
nossos rios absorvem a densidade do nosso drama
enquanto nossa história tem sido encoberta
pelos rejeitos do minério de ferro

o poeta profético estava certo
a vale e o vale amargam
ah e quantas lágrimas disfarçamos
enlameadas

³ É doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.